

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - LIBERDADE
3 e 12 de Setembro de 2024

DÉSIRÉ / 1937

um filme de Sacha Guitry

Realização: Sacha Guitry / **Argumento:** Sacha Guitry, baseado na sua peça de teatro homónima / **Fotografia:** Jean Bachelet / **Direção Artística e Décors:** Jean Perrier / **Som:** Norbert Gernolle / **Música:** Adolphe Borchard / **Montagem:** Myriam Borsoutsy / **Interpretação:** Sacha Guitry (Désiré Tronchais), Jacqueline Delubac (Odette Cléry), Jacques Baumer (Felix Montignac, o ministro), Arlétty (Madeleine Crapicheau), Pauline Carton (Adèle Vazavoir, a cozinheira), Aloy Delonde (Henriette Corniche, a senhora surda), Saturnin Fabre (Adrian Corniche) etc.

Produção: Serge Sandberg para CINEAS / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendado eletrónicas em português, 96 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, 3 de Dezembro de 1937 / **Inédito comercialmente em Portugal.**

Se conhecíamos muito mal Sacha Guitry, filmes há que ainda conhecíamos pior do que os outros. É o caso de **Désiré**, raramente exibido em Portugal. Como **Bonne Chance**, como **Quadrille**. E, em subjectiva classificação, esses três filmes - com **Le Roman d'un Tricheur**, muito mais célebre - são as quatro grandes obras-primas de Sacha nos anos 30. Se ainda quiser ser mais subjectivo, diria que são as quatro grandes obras-primas de Sacha, sempre, mas aqui admito, com mais validade, que me atirem à cara monumentos como **Donne-moi Tes Yeux**, **La Malibran**, **Le Comédien**, **Debureau**, **La Poison**, **La Vie d'un Honnête Homme**, **Assassins et Voleurs**. E já vos dei o catálogo dos meus 11 Guitry favoritos, com o "lapsus calami" de deixar de fora as pérolas históricas ou as pérolas da História.

De todas - continuando na subjectividade - **Désiré** tem fortes probabilidades de ser a obra prima absoluta, o mais surpreendente, o mais moderno e o mais inventivo dos filmes de Guitry. Talvez não tenha a louquíssima anarquia de **Bonne Chance**, mas reúne à inspiração cinematográfica deste (e **Bonne Chance** e **Désiré** são os filmes em que Guitry mais apura a construção cinematográfica) o dispositivo cénico de Guitry, através de uma das suas peças mais inspiradas. Vamos, portanto, convocar o criado, cujo nome Madame (outra vez a prodigiosa Jacqueline Delubac) dizia como ninguém. E - atenção - ele não se chamava só Désiré, nome assaz programático. Mas Désiré Tronchais, homófonamente qualquer coisa como "desejo decapitado". E é da decapitação do desejo que fala este filme que acaba no mais genial "coitus interromptus" que me lembro de ter visto em cinema.

Désiré foi uma peça de teatro de Guitry, levada à cena em 1927, dez anos antes do filme. Só que, desta vez, Sacha Guitry fez bastante mais do que adaptá-la literalmente. Basta ver as primeiras sequências. Voando da cozinha para o andar nobre e do andar nobre para a cozinha, Guitry começa por delimitar cinematograficamente o reino dos patrões (um "monsieur" cuja "madame" não era "madame" dele) do reino das criadas. A oposição e o paralelismo são lapidares, tão lapidares que qualquer cinéfilo se lembrará do que, com semelhante alternância de espaço, Renoir conseguiu, três anos depois, na **Régie**. As criadas comentam que os patrões, quando estão sozinhos, só sabem falar de duas coisas: dinheiro e

criados. Ouvindo-as, sabemos que elas, quando estão sozinhas, só sabem falar de duas coisas: dinheiro e patrões. Os patrões só existem por referência aos criados, os criados por referência aos patrões. O dinheiro é o vértice da relação amor-ódio entre eles "Quand on s'aime pour plus qu'une raison c'est qu'on ne s'aime plus".

É nesta altura da história - quando só existe ainda uma razão - que entra Désiré saído do "Hotel do Lyon et du Tygre réunis". Só lhe vemos os pés, até entrar ao serviço na casa de Madame. Um senhor na cozinha, um criado na sala. Ou seja, o criado perfeito, deixando a quilómetros luz qualquer outra ilustração cinematográfica da famosa dialéctica senhor-escravo. Único homem numa cozinha de mulheres, não é esse facto que vai ser relevante. Antes, pelo contrário. Apesar de dormir sozinho, em baixo, com Arletty e no quarto ao lado do dela, não reage aos avanços - insinuações que Arletty lhe vai fazendo. E, pouco depois, sabemos tudo: o "gesto grave" que Désiré teve com a sua ex-patroa, essa Condessa Diepchinska que vemos num sublime plano ao telefone, com um cão aos pés. Mas Désiré não se deixa despedir, nem se fica pelas "demi-mots" com que as Senhoras se percebem ou se não percebem. Explicando-se a Jacqueline Delubac explicita "ce qu'un homme et une femme peuvent faire quand ils sent seuls". E ousa dizer a Madame que Madame não é bem do género dele (numa alusão insinuada ao estatuto de classe dela e ao estatuto social dela, de ex-actriz e amante de ministro) para lhe fazer a solene promessa. Ganha como um senhor e como um senhor (ou seja como criado perfeito) toma conta do espaço de Deauville.

É em Deauville (primeira noite) que Guitry, com sobreposições, íris e muitos outros processos do cinema mudo, nos vai introduzir no tema do filme: o dos sonhos. **Faisons un Rêve** e já em **Bonne Chance** tínhamos percebido o que pode acontecer a um homem e a uma mulher que sonham juntos debaixo do mesmo tecto. Se a cozinheira sonha com o marido policia (embaladoramente), se o ministro sonha que está em cuecas, Désiré e Madame sonham um com o outro. E toda a gente quer ler "La Clef des Songes" para perceber o que já percebeu. O fecho da abóbada dessa portentosa sequência onírica é o livro pousado em cima da campainha e a casa inteira em polvorosa por causa do barulho dos sonhos de Désiré e do barulho dos sonhos de Madame.

Depois, vem o portentoso jantar com os amigos. E o que todos queriam calar é revelado pela surda ("l'histoire tordante du valet de chambre de la Contesse Diespinka") E o que nunca ninguém disse é dito pelo marido da surda quando, sem rodeios, convida Madame para uma voltinha. "Une femme du monde traitée comme un grue?". E ele a explicar-lhe logo, guitryanamente, que se ela fosse "une grue" ele não lhe fazia convites que só se fazem a "femmes du monde". A irrisão social é absoluta nesse jantar de surdos em que todos falam e ouvem tão alto e tão baixo como a única surda, ali a representar o mais genial dos diálogos de surdos.

E é para não se ouvirem um ao outro (certos de que nessa noite os sonhos serão ainda mais altos) que Madame e Désiré vão dormir para a mesma sala e que Désiré ouve, finalmente, o sonho de Madame. Depois do jogo de surdos, o jogo de cegos ou as escondidas às escuras, nesse fabuloso plano em que Jacqueline Delubac avança, pela escuridão, com o candelabro.

Só que, no fim do sonho, há quem acenda a luz. Se Madame quer continuar às escuras e fingir que não se passou nada, Désiré acende-a e acende-se nessa fabulosa declaração final em que tanto "cumpre a palavra" como a trai.

Porque o que Désiré queria não eram passagens a actos, mas a suspensão do interdito nessa cumplicidade erótica do proibido, essencial ao seu masoquismo. Ao mesmo tempo que a vai despindo com a voz ("Ses bras, ses épaules, ses mains, ses pieds, ses chevilles, ses

jambes”) tapa-a com as palavras e fala da “volúpia de obedecer”, volúpia única da sua vida de criado.

Na peça, Madame respondia-lhe com um longo texto. No filme, genialmente, Guitry suprimiu-o ficando apenas em contra-campo a voz dele e os fabulosos grandes planos dela. E quem obedece? A única palavra dela - durante esse longuíssimo e genial plano-sequência - é o nome dele, o nome que ele lhe manda que ela repita pela última vez. E o orgasmo só vêm quando Madame lhe obedece e diz: “Adieu, Désiré”.

Désiré pode partir em paz (para continuar a ser “désiré” para outras senhoras) e “la désireuse” aprendeu que, para desejos desses, um ministro é pouco. Talvez volte ao teatro, enquanto **Désiré** continuará a ser sombra de cinema. E o dialogo entre as duas artes é a conversa subterrânea deste filme genial, suspenso entre o silêncio (a elipse) dos palcos e o “voyeurismo” do cinema.

Dialéctica senhor-escravo? Podem-me dar mil exemplos que não conheço melhor do que Désiré. O cinema como arte onírica e arte erótica? Se há filme que disso seja o paradigma, Désiré é esse filme. E foram precisos cinquenta e sete anos para o descobrirmos.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico